

Povos Indígenas no Brasil

Fonte ESTADO DE S. PAULO Class.: 907

Data 04/03/85 Pg.:

Villas Boas condena demagogia

BRÁSILIA
AGÊNCIA ESTADO

Ao assumir o cargo, o novo presidente da Fundação Nacional do Índio, Alvaro Villas Boas, disse ontem de manhã, que recebe uma Funai em crise, mas está disposto a levar adiante os princípios da política indigenista pregada pelo marechal Cândido Rondon e fazer com que os recursos da Nação cheguem às mãos dos índios. A nomeação de Villas Boas não foi bem recebida por algumas lideranças indígenas, que ocuparam à tarde o prédio da Fundação para tentar impedir que ele chegasse ao seu gabinete. Essa atitude foi condenada pelo ministro do Interior, Costa Couto, afirmando que ela é resultado da desinformação de alguns índios, ao levantar acusações levianas contra o novo presidente. "A decisão do governo de manter Villas Boas na Funai é irrevogável" — disse.

Em seu discurso de posse, Villas Boas afirmou estar consciente de que terá pela frente "um dos cargos mais espinhosos da República", mas, na medida de suas forças, vai lutar "para que a Funai cumpra efetivamente a sua missão". Salientou que assume o cargo sem qualquer espírito revanchista e que não pretende destruir o que há de bom na Fundação. Depois da cerimônia, explicou que primeiro vai fazer uma "radiografia" da Funai para diagnosticar seus principais males. Ao ser informado de que, enquanto assumia o cargo no Ministério do Interior, cerca de 50 indígenas ocupavam a sede da Fundação, Villas Boas disse não saber "se os índios estavam reagindo por vontade própria ou sendo incitados", e acrescentou: "Se não me deixarem entrar na Funai volto ao ministério e entrego o cargo".

"Precisamos fazer um trabalho intenso — continuou — para que os índios saibam que muitas pessoas estão interessadas em enganá-los, e também para que eles tomem conhecimento das nossas reais intenções à frente da Funai". Villas Boas adiantou que vai dar atenção especial ao trabalho das missões religiosas nas áreas indígenas: "Quero realizar um levantamento completo para examinar a ação dessas missões, e a Funai vai intervir naquelas que estiverem prestando um desserviço ao índio".

Durante a tarde, Alvaro Villas Boas, seu irmão Orlando, o ex-presidente da Funai Gerson Alves, o superintendente da Fundação, Apoená Meirelles, e o deputado e ex-cacique Mário Juruna estiveram reunidos com o ministro Costa Couto para analisar a reação dos índios à escolha do novo presidente. Juruna antecedeu se havia manifestado contrário, argumentando que as comunidades indígenas não foram consultadas, mas no final da tarde de ontem ele foi até a sede da Funai para dialogar com os índios que a ocupavam. Segundo o ministro, Juruna saiu daquela reunião disposto a colaborar para que Villas Boas assumisse o cargo sem problemas.

O ministro disse que está empenhado em dialogar com as comunidades indígenas para estabelecer "um clima de paz e democracia na Funai". Assinalou que a falta de um consenso em torno de um nome para dirigi-la já estava clara desde o início do novo governo. "Demoramos dois meses para resolver a questão da presidência, até a escolha de Gersona Alves. Com o pedido de afastamento feito por ele, qual deveria ser a minha atitude? Convocar 'diretas já' na Funai ou promover um plebiscito, sabendo de antemão que dezenas de tribos não têm contato com o mundo civilizado?"

Costa Couto acrescentou que em muitas situações os índios são submetidos a pressões de civilizados. "O índio não está acostumado com a mentira — observou. A mentira não faz parte de seu universo cultural. Ele ouve informações falsas que são utilizadas cruelmente por muitas pessoas." Por fim, o ministro afirmou que, "ao escolher Alvaro Villas Boas, não optei por um nome estranho ao índio, mas por alguém que faz parte de uma legenda histórica".

Durante a posse de Alvaro Villas Boas, o diretor do Parque do Xingu, o índio Megaron, disse que não concordava com ela porque os índios não foram consultados. À tarde, o ministro Costa Couto disse que Megaron conversou com o novo presidente, declarando ter decidido permanecer na direção do parque. O ministro atribuiu a posição anterior de Megaron "às desinformações transmitidas aos índios".

Já o índio Jorge Terena, assessor da Funai, disse, durante a reunião convocada no início da tarde, que não aceitaria a indicação de Alvaro Villas Boas, porque "a Nova República está querendo acabar com a participação do índio na administração da Funai".

O sertanista Orlando Villas Boas, ao responder às críticas de que a nomeação de seu irmão significaria uma mudança na política de participação indígena na atuação da Funai, disse: "Sou paternalista com o índio de cultura pura, porque este é o papel do tutor. Devemos, sim, evitar que o índio entre na corrida de nossa economia, pois no momento que ele enfrenta um confronto com o mundo branco sempre perde". E garantiu que seu irmão não pretende "colocar ninguém na rua".

CARTA A FIGUEIREDO

O novo presidente da Funai enviou no ano passado uma carta ao então presidente Figueiredo, não divulgada na época, explicando os motivos de sua saída da direção da 12ª Delegacia da Fundação, em Bauru, cargo que ocupou por cinco anos. Entre outras informações, a carta conta que "a situação dos postos da Fundação em São Paulo e Paraná era simplesmente calamitosa: índios bêbados caindo pelas estradas, crianças doentes e famintas, verminose, instalações em ruínas, ausência de lavouras e equipamentos, descrença total na Funai etc".



Foto Júlio Fernandes - Telefoto Estado

Juruna comanda a resistência ao novo presidente da Funai